

O ESPECTRO

NUMERO 39 — II ANNO — 1889

A' OPPOSIÇÃO

SEMENARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes..... 260

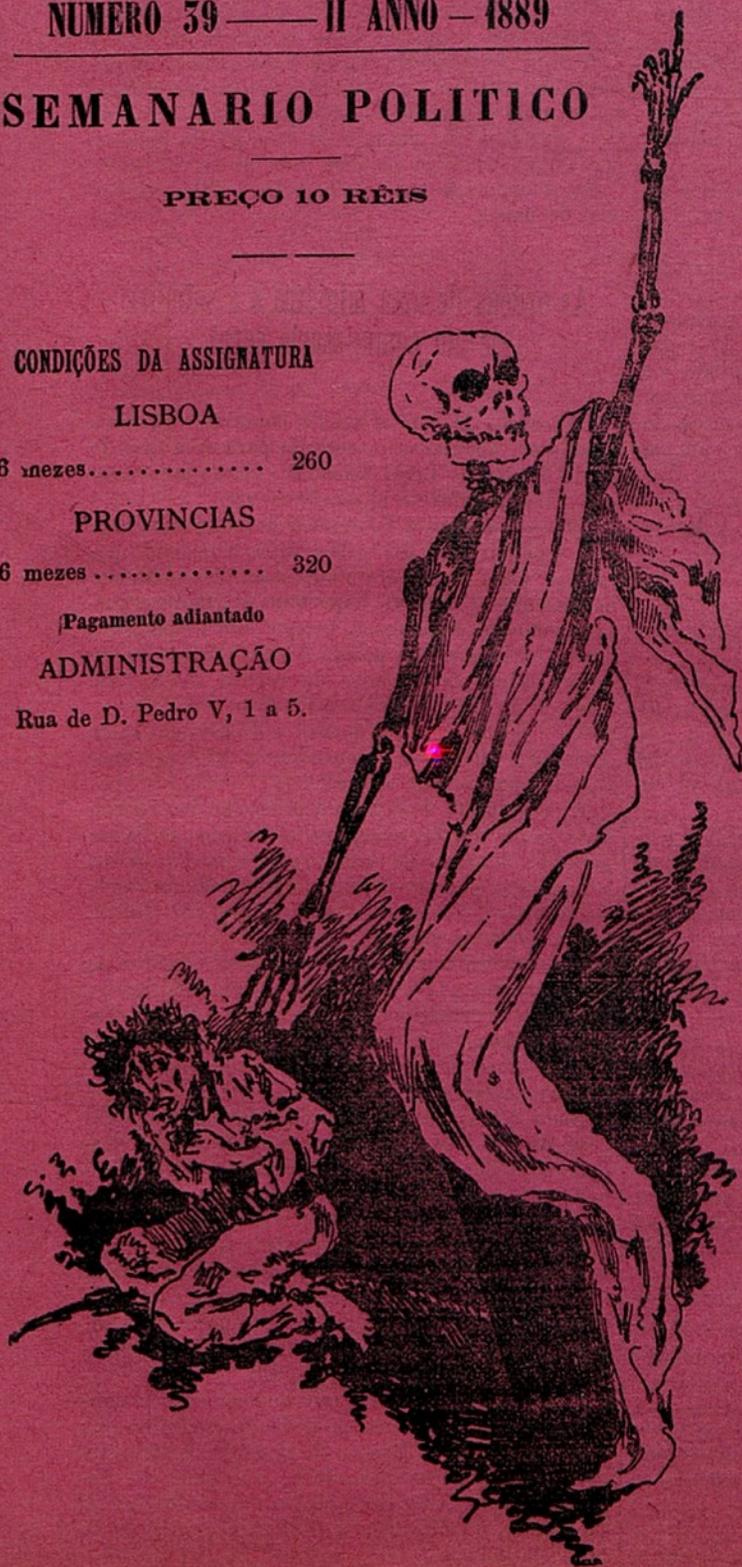
PROVINCIAS

6 mezes..... 320

Pagamento adiantado

ADMINISTRAÇÃO

Rua de D. Pedro V, 1 a 5.



Desde que o systema constitucional se implantou em Portugal, desafiamos a quem quer que seja, a começar no sr. Antonio Ennes e acabar no sr. Oliveira Martins, ambos versados no conhecimento da historia patria, ambos esclarecidos escriptores da especialidade, desafiamol-os, a que apontem, na nossa historia contemporanea, um periodo de tão crua devassidão, como este que a situação progressista vai creando pelos seus actos.

Os escandalos succedem-se sem intermitencias. Quando a consciencia publica volta a si do assombro em que a mergulhou algum grande desaforo, não é senão para volver a nova estupefacção e esmorecimento, provocado pela noticia de attentado ainda mais grave.

A um pequeno emprestimo, em que os amigos do ministro recebem de mão beijada para cima de 200 contos, succede outro que lhes deixa na palma da mão o melhor de mil contos de réis!!

Ainda gotejava sangue a ferida que semelhante attentado rasgara no corpo do paiz, e já a consciencia publica se sentia verdadeiramente fulminada ante a ameaça de um roubo colossal. Referimo-nos á traficancia astuciosamente combinada e preparada com os portadores dos titulos de D. Miguel, traficancia que a opposição faria gorar pela valentia com que atacou o ministro da fazenda.

Ainda não estava enxuta a penna que estigmatizara tamanha ladroeira, e já atravessava a imprensa, com um clarão sinistro, a noticia alarmante de um enorme e monstruoso syndicato.

Constituido por amigalhaços do governo, apouso-se por meios escuros, desconhecidos de toda a gente, da quinta parte da mais vasta provincia do reino: quer dizer de uma extensão de terreno superior a alguns districtos inteiros!

Esta monstruosidade quasi passou desaperecida, porque lhe veio tomar o logar no alvoroço e espanto geral, o syndicato dos vinhos do norte, que apanhou de surpresa a segunda cidade do reino, em castigo de se não querer associar ás magnificencias da exposição de Berlim.

Mas entretecidos nos espaços, que o trama dos syndicatos monstruosos deixava entre si, quantos syndicatos, menos espectaculosos, não tem sido organizados, á sombra da mesma politica nefasta?

Pois ainda não estão fartos, porque mais depressa lhes arrancareis os dentes do que as pastas.

Não obstante forçoso é que o paiz se livre do flagello, que tem feito mais estragos nos cofres publicos que as nossas luctas civis do segundo quartel d'este seculo; que tem feito mais destroços na consciencia moral da nação, que todos os abusos e vicios que envergonharam os ultimos momentos da fradaria nos conventos.

A' opposição impendo um sacratissimo dever. Hade cumpril-o por honra sua e salvação da patria.

Não se tracta de arrancar as pastas a uns fascinados pelas lantejoulas do poder, ou dominadas pela vaidade de sentirem choutar-lhe nas ilhargas a azemola de um correio agalado.

Bem sabemos que a vaidade é uma força superior á energia de muita gente; bem sabemos que a vaidade não é um sentimento feminino, senão para se apossar com mais força do coração do homem. Mas a questão não é com simples envaidecidos, é **com grandes velhacos**.

Trata-se dos mais caros interesses publicos e particulares, vergonhosamente, torpissimamente sacrificados á devastadora ambição de querer ser millionario de um dia para o outro, sem cancelras nem trabalho.

Tracta-se de expulsar esta corrupta politica de industriosos, de cujas garras será difficil—se lh'as não cortarem—sair o paiz com vida.

Porque a politica de negocios, quando constitue a unica regra de administração publica de uma nação pequena e cansada, pode trazer consequências fataes á sua propria existencia. E Portugal é tão pequeno que talvez não tenha 5 milhões de habitantes, e tão novo que conta mais de 700 annos.

Tracta-se de aniquillar esta ignobil politica de marchantes, que tem o paiz pendurado por um cabelo sobre o golfão de todas as desventuras. Porque este cabelo—dê-o a mestra da vida—é facil de cortar, quando a podridão gangrena todas as fibras do corpo social.

Havia no paiz uma grande força, talvez a unica.

A todas as trapaças e malandricas, a todos os propósitos de pequenas ou de grandes traições, ella podia ser resistencia efficaz e energica.

Os que olhavam para as pastas, como dantes se olhava para as minas do Brazil, achavam ali um obstaculo.

A **exploração da industria politica** tinha de passar-lhe por cima da auctoridade e do prestigio. Era o Rei.

Astutos e sagazes, os *maraus* conheciam a fundo a theoria da **pillagem**, que haviam de pôr por obra, quando chegasse o momento psychologico, que os seus trabalhos apressariam.

E esses trabalhos foram de sapa.

Porque era mister que a moral, e a justiça perdessem o imperio sobre as consciencias; era preciso que ninguem se impressionasse, nem mesmo com a noticia das maiores traficancias e delapidações.

As infamissimas calumnias assacadas ao Rei, accusado até de **ensarilhar com o sceptro** para **defender da polleia a sua legitima presa**, acabaram por entorpecer o espirito publico.

A largou-se a esphera d'esse desconforto politico, que não diverge do torpor e somnolencia comatosa, que tudo permite, tudo soffre, que em ninguem acredita.

O Rei já não podia ser obstaculo.

Os perversos, que viam claramente nos proprios intentos, com bastante antecipação o annunciaram: **«Não iremos lá sem impormos as nossas condições.»**

As condições estão patentes.

Mostram-n'os com a evidencia da luz do sol os factos de todos os dias.

El-rei está coacto. Porque é impossivel que a sua consciencia de homem de bem aceite sem repugnancia a serie de torpissimas traficancias que constitue a vida dos seus ministros.

Eis a razão porque todas as consciencias honestas se devem unir no mesmo patriotico dever de deitar abaixo esta situação tramposa, de onde emana, como dos esgotos, o veneno e a morte.

Todos os meios são licitos, porque a salvação da patria está acima de todos os sacrificios.

A tiros de *incidentes* ou de *incidentellos*, ou de carteiros partidas, ou de obstruccionismos nunca vistos, tudo é permitido empregar, para derrubar dos conselhos da corôa e da direcção do paiz os verdadeiros inimigos do paiz e da corôa.

Se a opposição pode, que o faça, e bem merecerá da patria.

As ordens de uma ministra e a sabujice de um commissario geral

Os jornaes da capital com o lacunismo que lhes é peculiar, noticiaram a entrada para uma casa de saude de um sr. Leon Amzalak, por se desconfiar que dava indicios de alienação mental.

Nós ao ler-mos a tal noticia desconfiamos logo que a policia civil de Lisboa tinha concorrido para que fosse encerrado n'uma casa de saude, um homem que se tornava importuno a qualquer pessoa e não nos enganámos, porque effectivamente o commissario geral da policia Moraes Sarmiento recebeu ordens terminantes da esposa do sr. José Luciano de Castro para fazer entrar o mais breve possivel n'uma casa de doudos o desgraçado Leon Amzalak, que teve a imprudencia de importunar alguém com os seus olhares.

E' revoltante e infame o proceder do commissario geral em ter cumprido as exigencias da esposa do ministro do reino, que entendeu a seu bello prazer mandar encerrar n'uma casa de saude como doudos, todos os individuos, que não lhe cahirem nas boas graças.

E' inaudito o que se fez, e já que os tribunaes e os poderes publicos para cousa alguma servem e apenas as ministras é que governam n'este desgraçado paiz, aqui fica o nosso protesto contra a refinadissima patifaria de que serviu de instrumento o commissario geral da policia.

Nada têmos com os caprichos femininos da esposa do Sr. José Luciano, nem tão pouco do despotismo que mantem em sua casa, mas desde o momento em que a referida senhora se affasta dos seus deveres, para se metter a dar ordens ás auctoridades, que tem a leviandade de as receber, nós não podemos deixar de verberar o proceder leviano ou maldozo de uma senhora, que manda encerrar n'uma casa de doudos um pobre homem, pelo simples crime de se tornar importuno a qualquer pessoa muito ligada a S. Ex.^{ta}.

Creia a sr.^{ta} ministra que andou muito irregularmente na forma como procedeu, e aconselha-mos a nobre esposa do Bacoco da situação, a não exercer mais vinganças mesquinhas, sob pena do *Espectro* fazer umas declarações que muito devem prejudicar o ministro, a ministra e o commissario geral da policia.

E por hoje basta.

A ratoeira da União Agrícola Portuguesa

É hoje o ultimo dia para a subscrição das obrigações d'este enorme syndicato, que **explorará** os vastos terrenos do Alemtejo e do Algarve, depois de explorar as bolsas dos pacovios que caíram na ratoeira.

Faremos uma pequenina analyse ao isco, que os espartalhões penduraram no gancho da referida ratoeira.

Ninguem mais do que nós deseja a prosperidade do paiz, nem das empresas que sinceramente para isso votem dinheiro e trabalho.

Mas a sinceridade e a boa fé são em verdade qualidades d'esta empresa? É licito duvidar, ante o exagero das suas destemperadas afirmações, e o mysterio que encobre ainda a organização e estatutos d'este syndicato.

Apossou-o elle já de 350:000 hectares de terreno. Porque meios? Com que condições? Quaes são as clausulas das escripturas? Houve compra ou atoramento? Em que situação ficam ante o syndicato os antigos proprietarios? E os terrenos do estado, como foram adquiridos? E as relações da empresa com a tal companhia de Argelio? Tudo mysterio!

Mas vamos ver em poucas palavras que se trata mais de explorar as algibeiras dos subscriptores do que os terrenos incultos.

Para lhes apanhar o dinheiro offerece o syndicato á admiração e exame do publico o extracto de um palavroso relatório optimista que vê tudo **dourado**.

O relatório é firmado por mr. Nardy, **horticultor**.

Ora quem diz **horticultor** não exprime decerto a profissão mais propria para estudar as aptidões dos terrenos incultos da vasta provincia do Alemtejo, e do Algarve. O sr. Nardy veio **maravilhado** da fertilidade d'aquelles terrenos, e das riquezas despresadas pelos seus possuidores. Propõe elle todas as culturas, mas com especialidade a vinha, plantações de todas as especies de vinhedos, plantando pecegueiros em cada linha, de forma a ter 225 por hectare.

Supponhamos que dedicava só á vinha 150:000 hectares.

Multiplicados por 225 pecegueiros, ahí tinhamos nós 33:750.000 pecegueiros!

Supponhamos que cada pecegueiro dáva 3 pecegos.

Não ha nada mais modesto. Ahí tinhamos nós 1:012:500:000.

Onde irá o sr. Nardy metter mais de mil milhões de pecegos?! Na barriga dos subscriptores não cabem elles.

O que diz das ameixoeiras, alperceiros e marmelleiros é pouco mais ou menos pelo mesmo gosto.

E com vinho, azeite e algum trigo, marmellos, cereijas, laranjas, tangerinas, pecegos, ameixas, amendoas e pouco mais, quer o syndicato **arranjar**—segundo a opinião do sr. Nardy—108,5000 rs. do producto liquido por hectare, que crescerá até atingir 180,000! Isto é pura caçoada.

As melhores terras do paiz são as que estão cultivadas.

Toda a gente sabe que as melhores são as que primeiro se cultivam.

Pois perguntem aos proprietarios ou lavradores

qual d'elles tirou já alguma vez de cada hectare 180,000 de producto liquido? E quando reparamos que o seu Nardy dá estes 180,000 rs. como lucro de 450:000 réis—resposta ao 2.º quesito que lhe propoz o syndicato—isto é que quando consideramos que o syndicato diz aos subscriptores: que vai tirar da exploração de **terrenos incultos** 40% de lucro—o que poria a cultura d'estes terrenos acima de toda a especie de agricultura e mesmo de quasi todas as industrias, quando consideramos estes despropositos, temos: aos capitalistas obrigação de dizer:

—**Cuidado com o vosso dlabeiro**. E mais nada, que não temos espaço.

Como isto começa

Aos sonetos diz a arte poetica que fechem com chave de ouro:

As camaras que abrem as suas sessões com chave de ouro, como hade a arte politica dizer-lhe que as fechem?

Abrindo a ouro, talvez algum mal intencionado vaticine, que por contraste fecharão a pau. Mas deixemos vaticinios e protestemos solemnemente contra o inaudito desaforo, com que os carneiros de panurgio iniciaram este anno os trabalhos parlamentares.

Vê-se que a coisa promete.

Vendo os panurgios que não havia na sala numero sufficiente para dar a conta dos votos que a lei exige para a eleição do presidente, resolveram que alguns **deltasem na urna umas poucas de listas**. Esta porcaria não deu ainda o numero legal: não obstante os panurgios declararam eleito o sr. Coelho de Campos.

A' energia da opposição deve o paiz que se fizesse nova eleição na sessão seguinte.

—Para que servio isto, dizia um panurgio, vendo eleito o mesmo deputado?

Servio para se cumprir a lei, **miseravel**: servio para que o vosso presidente não fosse eleito pela burla e ficasse desprestigiado logo no começo da sessão: servio para mostrar ao paiz que no proprio **templo**, onde se fabricam as leis, os legisladores **(da maioria progressista)** tem por ella aquelle respeito.

Como o governo imposera áquelles pobres diabos a tarefa de elegerem presidente n'aquelle dia, não quizerem sair da camara sem elle.

Pois nem assim escaparam á sarabanda, que lhes applicou o mestre Marianno.

Isto não é uma camara é um curral. Bem dizia Serpa Pinto: **Carneiros de Panurgio**.

Uma prophécia

O sr. Alfredo Brandão, **padre e paroch** na capital, com a evangelica mansidão propria do seu character, declarou hontem na camara, que se a opposição fosse para ali fazer-se fina ou se fizesse fina nos jornaes, havia de espatifar um que se havia de regalar.

Alí lh'o prometia, e elle tambem sabia se seria ou não capaz d'isso, elle, Alfredo **Brandão**.

Assim é que o governo quer defender os seus actos?

Talvez na camara ainda corra sangue, talvez.

Estes malvados nunca souberam governar sem um cortejo funebre de cadaveres.

As victimas escolhidas de preferencia eram nos concidadãos da provincia ou das ilhas.

Como o povo os detesta, é pelo terror ou pelas grandes traficancias que logram impôr-se.

Agora mandam trovejar no parlamento ameaças de carnificina.

O signal não é a cruz vermelha de S. Bartholomeu, mas a palavra rancorosa de um representante da cruz.

O governo prefere o sangue á lama.

Veremos se o paiz tambem opina por essa especie de morte. No sangue ou na lama, os dias d'este **infamissimo** governo estão contados.

Errata

Na 2.^a pagina, (do n.^o antecedente) 1.^a columna, § 4.^o, ultima palavra: lastimar-se? deve ler-se lastimar-se.

No § seguinte, a ultima palavra da 8.^a linha d'esse §: realidade. deve ler-se realidade?

Outros erros de revisão menos importantes terá o leitor emendado.

Uma especie de syndicato

A imprensa tem tractado com largo desenvolvimento uma grave questão militar, que importa nada mais e nada menos que a organização de um syndicato occulto, armado para comer socegadoamente o seu naco aos rendimentos do castello de Angra, do qual é commandante um tio do sr. Marianno de Carvalho.

Da discussão, o que por em quanto se apura, é que o general é a principal senão a unica figura official do syndicato.

Foi o tenente governador do castello quem fez a descoberta.

O caso conta-se em poucas palavras.

O tenente governador—que era coronel de artilheria—como vogal do conselho administrativo e claviculario do cofre, tem obrigação de fiscalisar todas as receitas e despesas do conselho, que é administrador de varias propriedades, entre ellas o pinhal do Monte Brazil. O general, sem consulta do conselho, e pelo preço de 288\$300 mandou adjudicar os pinhaes. Declarou o governador que não concordava com esta forma de adjudicação; porque o conselho não tinha sido ouvido; e porque emfim vender por 288\$300 aquelles pinhaes, quando pouco antes só a limpeza d'elles rendera para o cofre 250\$000 rs. era quasi entre-gal-os de graça.

E' desnecessario dizer que o general nunca mais perdeu de vista o governador, que caíra na asneira de tomar a serio o seu papel e de querer fiscalisar a valer, e inclusivamente de **querer examinar os livros da escripturação, a lista dos rendellos,** e varios documentos respeitantes a outras propriedades.

Foi como se puzesse o dedo em cima de uma chaga em carne viva.

Em ordem de commando o general reprehendeo o governador!!

E' para senão fazer fino.

Até aqui é tudo perfeitamente claro e logicamente progressista. O general ia-se governando,

o governador foi lá metter o bedelho, apanhou para o seu tabaco.

A imprensa mostrou com grande copia de artigos militares que foi tudo contra lei. Mas fallar a esta gente em lei, é expor-se á gargalhada.

Sr. ministro da guerra, a sua obrigação é mandar proceder immediatamente a uma rigorosa syndicancia, para que o paiz veja, com os documentos na mão, que os parentes do sr. ministro da fazenda sabem honrar as regras da sua moralissima administração.

Syndicancia, venha a syndicancia.

Mais um escandalo da Policia

Tinhamos feito tenção de nunca nos referirmos a essa cousa que para ahi vegeta e a que dão o nome de policia civil de Lisboa; mas os abusos, os escandalos e as arbitrariedades são tantos que *O Espectro* não pode deixar de levantar a sua voz indignada contra a continuação d'esses demandos, que prejudicam o povo e desprestigiam uma instituição que se podia e devia tornar util para o paiz se á sua frente se achassem homens que pela sua intelligencia, criterio e honestidade estivessem nos casos de bem exercer dos elevados cargos que occupam.

O maior e o mais monumental attentado acaba de ser praticado pelo Commissario Geral de Policia, com a prisão de um desgraçado, que lhe foi apresentar uma revista a que tinha dado o titulo do reinado do Marianno.

A prisão illegal feita pelo referido commissario, demonstra da parte d'este funcionario ou uma ignorancia completa da lei, ou um despotismo e abuso de auctoridade, que o paiz não pôde e nem deve tolerar, para se não abrir o tristissimo precedente da policia poder a seu bello prazer prender os cidadãos que lhe censuram os actos e os d'estes maltrapilhos que para vergonha de Portugal se acham á frente da sua administração.

A falta de espaço inhi-be-nos de desenvolvermos este artigo, mas no que escrevemos fica o nosso protesto contra as violencias da policia.

Ao Governador Civil do Districto pedimos providencias contra os abusos praticados pelos seus subordinados.

Um brinde do sr. Fernando Palha ainda presidente (!) da camara

sublo o preço da carne. O municipio reconhecido, felicita o sr. Fernando Falha, por abrir o anno de 1889 com esta prova de consideração e zelo pelos interesses municipaes.

Outra coisa. Quando é que o sr. Palha **cumpro a sua palavra de honra...** de que abandonaria a presidencia da camara?

Pode s. ex.^a ter a certeza, que a não ser o interesse particular dos que vão **pilhando** com a sua administração, não ha ninguem em Lisboa que não esteja ancioso por vel-o fóra da camara, quanto antes.

Va-se embora, que é o empenho de todos e deve sel-o da sua honra, que a empenhou para isso mesmo.